

**Relato de Campo:** visita à Comunidade Shipibo “Cantagallo”, dia 20 de maio de 2015, na cidade de Lima (Peru), avenida Evitamiento km 6.5 – Rimac. Participantes: José Guilherme C. Magnani, Sylvia Caiuby Novaes, Javier Macera Urquiza, Meredith Cristina Castro Rios e Guillermo Pelaez Cotrina. Relato: José Guilherme. Sylvia (a foto de n. 11 é de sua autoria), Guillermo e Meredith contribuíram com informações e *sugerencias*.

Diante de nossa intenção de fazer uma visita à Comunidade Shipibo, em Lima, Benjamin Marticorena manifestou uma certa preocupação com a segurança, não dentro do acampamento, mas nas imediações, na hora da volta. O prof. Oscar Espinoza, então, colocou-nos em contato com dois orientandos seus, Guillermo, graduando – conhecido nessa comunidade – e Meredith (graduada, em processo de licenciatura), para acompanhar-nos na caminhada. Saímos do campus da PUCP (Universidade Católica do Peru) em torno das 14:30 e logo começou a maratona pois, como é de praxe nessa cidade, foi preciso uma negociação com o condutor do táxi para estabelecer o itinerário e o preço, uma vez que não há taxímetro (foi pedida a quantia de 20 soles, mas conseguimos uma *rebaja* de 5 soles; a cotação frente ao real é de aproximadamente 1 por 1); além disso teria de ser um carro que comportasse cinco passageiros.

E lá fomos nós cinco, na direção leste, pela avenida Universitária, enfrentando o caótico trânsito de Lima, naquele carro meio desconjuntado dirigido por um motorista de poucas palavras. De congestionamento em congestionamento entramos na [Av. Venezuela e dali o taxista cortou caminho até a Av. Colonial](#), embarafustou-se por ruas menores com comércio de materiais de construção e auto peças até a praça [Dos de Mayo](#). Passamos por uma via do *Metropolitano* (ônibus com faixa exclusiva), por lojas e por conjuntos habitacionais populares: finalmente, outra paisagem urbana, além do aprazível *Miraflores*, bairro residencial elegante onde ficava nosso hotel.



Foto 1: Prédios residenciais populares

Assim que desembarcamos, demos com policiais postados à entrada da comunidade que fica ao lado de um ferro velho e venda de peças: como outros estabelecimentos do gênero, é denominado “*Malvina*”, segundo nos explicou Guillermo.



Foto 2: Vista do casario e do *Cerro San Cristóbal* em frente à comunidade

A “*Comunidad Shipiba de Cantagallo*” atualmente conta com uma população de 150 famílias e há diferentes versões sobre a origem de sua presença em Lima. Uma delas afirma que os moradores estão aí há dez anos e teriam vindo do interior integrando um amplo movimento de protesto contra o governo Fujimori; os organizadores da manifestação, contudo, “esqueceram-se” de providenciar sua volta e não restou alternativa para aqueles Shipibo senão ocuparem esse espaço que está cercado (e reduzido) por projetos viários.

Para outra versão, relatada por Guillermo, sua chegada remonta ao ano 2000 quando um grupo de artesãos shipibos foram convidados, como representantes da região amazônica, para uma feira de artesanato denominada *Feria Artesanal Todas las Sangres*. A seu término, um grupo (em torno de 14 famílias) decidiu permanecer na cidade e desde então a comunidade tornou-se um ponto de referência (e estada provisória) para muitos shipibos que transitam entre Lima e Pucallpa.

Enfim, lá estávamos nós, frente à “*Malvina*”, prestes a começar a caminhada. Sylvia, fazendo o primeiro contato, aproveitou para comprar um isqueiro na vendinha logo na entrada e Guillermo bateu à porta de uma das lideranças da comunidade, anunciando nossa chegada; segundo soubemos, há três organizações disputando a condução das ações: ASHIREL-V (*Asociación de Artesanos Shipibos Residentes en Lima Pro Vivienda*), a mais antiga, desde 2000; AVSHIL (*Asociación de Vivienda Shipiba en Lima*)

fundada em 2005 y ACUSHIKOLM (*Asociación de Comunidades Urbanas Shipibo-Konibas de Lima*), 2013.

Um morador, curioso por nossa presença, aproximou-se e logo fomos apresentados a ele. Apesar da recomendação dos professores da PUCP para não tirar fotos, discretamente fizemos alguns registros, como por exemplo estes no pátio da escola bilíngue, após termos a permissão de uma funcionária da escola para entrar:



Foto 3: A escola



Foto 4: “Bem vindos”, na língua shipibo

Aproximei-me de três meninos que estavam fazendo tarefas de escola numa mesa frente à sua casa e solicitei (para puxar prosa...) que lessem para mim o algarismo que estavam copiando: “*veinte mil ochocientos y treinta y quatro y doce décimos...*” Seguimos pela ruazinha central, devidamente cimentada, até a casa de dona Jacinta, artesã, pois Meredith percebeu que ela estava nos espiando e perguntou se podia nos receber para uma conversa; fomos então convidados a entrar e conhecer sua produção; explicou-nos que não fica o tempo todo na cidade, alterna com estadas na sua comunidade no interior; mostrou desenhos do filho, também artista; dela comprei uma bela toalhinha por 20 soles, bordada com padrões típicos dos Shipibo, conhecidos pelo termo *Kené*.

Na saída, três mulheres nos viram e logo abriram suas sacolas oferecendo colares e pulseiras para vender. À frente, divisamos uma longa viela, o “*Jirón de los Artesanos*”, e logo fomos abordados por uma senhora que de lá saía e quando nos viu, logo se ofereceu para levar-nos até sua casa pois também era artesã. Era dona Olinda: mostrou-nos sua produção – toalhas, tapetes, descansos para copos, etc. O trabalho é bastante sofisticado, tendo chamado nossa atenção uma toalha com a anaconda como motivo central.

Dona Olinda contou que já fez cursos de especialização nessa área de atividade e deu-nos seu cartão com telefone: 959248445 e endereço: *Jirón de los Artesanos, M 2 B2, lote 29*. Nele está escrito: “*Todo lo que buscas de la Selva se encuentra en Cantagallo*”. Perguntei qual o sistema de comercialização, se tinham algum ponto de venda na cidade,

disse que não: “*solo ambulante*”. D. Olinda é presidente de uma das duas associações de artesãos, *Amenin Albo*, ligada à *ACUSHIKOLM*; a outra é *ASHE*, vinculada à *ASHIREL-V*. Ao final da visita convidou-nos para uma festa na comunidade no próximo dia 13 de junho, com venda de artesanato, culinária shipibo, etc.



Foto 5: *Jirón de los Artesanos*



Foto 6: D. Olinda e sua toalha



Foto 7: Sua filha e outra mostra do artesanato



Foto 8: A toalha de d. Jacinta

Sylvia comprou várias peças, a um custo de 100 soles; Enquanto ela escolhia, desci para ver a parte que uma obra viária de grande porte, a *Via Parque Rimac*, realizada pela empresa brasileira OAS, cortava a comunidade. Andando um pouco mais, e escapando de um cachorro pouco amistoso, encontrei outras senhoras confeccionando colares.

Já na volta, resolvemos conversar com um dos policiais postados à entrada: um deles, muito jovem, foi bem solícito e explicou que fazia parte de um efetivo de 25 homens que ali estavam, em dois turnos, diurno e noturno, para “*mantener la seguridad de los pobladores y vecinos*”. Enquanto Sylvia e eu conversávamos com ele, os demais estavam falando com um casal que chegava, ambos muito bem vestidos, aparentemente de uma das organizações atuantes na comunidade; nos asseguraram que havia problemas não só com a OAS, mas também com a Municipalidade pois, na qualidade de gestora junto a essa empresa, não estaria cumprindo o acertado nas negociações com os moradores.

Na verdade foi uma visita curta, não deu para percorrer toda a comunidade nem ter uma ideia mais clara de sua morfologia e organização; pudemos apreciar algumas construções (pena não ter podido fotografar mais), contíguas, geralmente de madeira, de estilo parecido com os barracos de favelas brasileiras; a rua principal era cimentada, tudo muito limpo.

Diferentemente do que pude registrar em situações similares – no acampamento “Copa do Povo”, do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), em São Paulo, ou no Parque das Nações Indígenas, em Manaus – não vi nenhum espaço central, tipo uma pracinha, local de reunião, de celebração de rituais ou mesmo quadra de esporte. Meredith contou que havia uma praça justo onde hoje está a escola bilíngue e era aí que se realizava o *Cantagallo Fest* com [feira de artesanato](#), [venda de comida](#) e [a apresentação de algumas bandas](#). Tampouco percebemos a presença de templos religiosos, mas Guillermo nos assegurou que, sim, os havia.



Foto 9: Uma vista das casas



Foto 10: Um morador e Guillermo, em frente a algumas casas



Foto 11: Uma venda e, em cima e ao lado, residências

Eram 16:30 e resolvemos voltar; Javier decidiu ficar por lá, ao que parece encontrou alguém conhecido. Subimos pela passarela por cima da avenida – Sylvia percebeu um aroma de chá, na verdade era o das flores, do *Mercado de Flores* que logo cruzamos para, no outro lado, tomarmos o ônibus que nos levou até nosso próximo destino, o *Mercado Central* e o *Mercado Chino*.



12: A passarela e, ao fundo, a Comunidade Shipibo Cantagallo

No meio do percurso entrou um vendedor oferecendo barras de quinoa e exaltando as virtudes e propriedades desse *auténtico producto peruano*. Já no Mercado, cujas alas percorremos rapidamente, aproveitei para comprar, por seis soles, duas caixas de mate de coca da marca Herbi, cada uma com “25 sobres filtrantes”. No *Mercado Chino* chamounos a atenção o piso de lajotas com inscrições (me fez lembrar o costume dos ex-votos ou dos agradecimentos por graça alcançada), comemorando aniversários de casamento, nascimentos, bodas, etc. com os respectivos símbolos – mas ninguém da comitiva soube nos dizer se eram ofertas, contribuições ou algo do gênero.

Mais tarde Meredith explicou que, por ocasião dos 150 anos da imigração chinesa ao Peru, quem quisesse podia, mediante uma contribuição, gravar sua mensagem na lajota com menção a uma data especial: uma espécie de calçada da fama à la *Hollywood*. Ao longo do passeio havia também o calendário chinês; em torno, lojas, “chifas” – restaurantes de comida chinesa mas já aclimatada ao gosto e com ingredientes locais. Contudo, chinês mesmo, nenhum à vista...



Foto 13: As lajotas



Foto 14: Horóscopo chinês

Dali fomos até o centro histórico onde tomamos um táxi – nova negociação de preço (15 soles) e itinerário, nova aventura por entre engarrafamentos, fechadas de carro, entradas bruscas, até o centro de artesanato em *Miraflores*. Lá demos uma caminhada para comprar lembranças e atravessamos a praça *Kennedy*, famosa pelos gatos ali colocados para acabar com ratos que proliferavam no local. Mas foram os gatos que terminaram se reproduzindo além da conta, tendo sido necessária uma campanha de esterilização; atualmente uma associação cuida dos bichanos que tranquilamente ocupam o espaço.

Finalmente encontramos uma lanchonete para o café e uns *sanguches*. Ali pelas 19:00, despedimo-nos de Guillermo que teria de voltar à universidade; Meredith nos acompanhou de táxi (7 soles), indicando o percurso ao motorista até o hotel.

Lima, maio de 2015

José Guilherme. C. Magnani